



*Nova Iorque, Staten Island, 1947*

**STATEN ISLAND SEMPRE FOI O ESGOTO DE NOVA IORQUE.**

Durante boa parte das últimas décadas, a ilha ao sul de Brooklin foi usada como a lata de lixo da Grande Maçã. Tudo o que era considerado inútil ou desagradável era despejado lá, fosse entulho, restos ou pessoas.

Só era possível entrar ou sair da ilha navegando. Havia uma única linha de barcas que realizava a travessia seis vezes por dia, trazendo pessoas e mantimentos, administrada pela Corporação Gordman. Fora isso, o rio Hudson mantinha-se desimpedido, a não ser por um ou outro barco particular, além das chatas. Essas barcaças despejavam toneladas de dejetos todos os dias, transportadas até uma dúzia de aterros sanitários no interior da ilha por uma linha de trem.

Deixar Manhattan para avançar até Staten Island era como atravessar um portal para o passado. A ilha era parcamente povoada, com algumas vilas espalhadas no litoral, voltadas para o Brooklin. No interior, além dos lixões,

era possível encontrar algumas fazendas aqui ou ali, entre bosques e florestas de mata cerrada.

Conseguir um lugar sossegado na barca fora uma tarefa relativamente simples. Além do carteiro, só havia uma meia dúzia de pessoas cruzando o canal e todas preferiam se esconder do vento inclemente no pequeno passadiço. Me acomodei em uma cadeira de madeira junto à amurada, com um cigarro em uma das mãos e o relatório que Abdul me entregara na outra noite. Eu andava entediado naqueles dias e a oportunidade de fazer uma investigaçãozinha solitária caiu como uma luva em minha alma irrequieta.

As cinzas caíam na minha batina, enquanto o vento sul rodopiava entre o tombadilho. Ouvi a buzina de um barco e me virei para observar uma comprida chata de lixo vazia se afastar lentamente da ilha, lançando ondas de águas barrentas.

Voltei para o relatório. Pelo que havia entendido, há muito tempo os zelosos guardiões da lei e da ordem do condado haviam estabelecido que a região menos populosa de Manhattan seria o local ideal para esconder todo o tipo de material rejeitado. E foi assim que o Asilo Darkbelt para os Insanos Crônicos abriu suas portas, no sombrio final do século XIX. Pelas fotos e informações da brochura disponibilizada durante a inauguração, a estrutura construída era vasta, capaz de receber até 4.000 pacientes. E, seguindo a tradição da época, fora erguida como uma fortaleza para esconder da cidade tudo o que ela não queria ver. Doentes mentais, depressivos, tuberculosos, prostitutas grávidas de figurões e uma ou outra herdeira rebelde demais para os padrões puritanos.

Mas o que me interessava estava na ala leste, no setor infantil. Pelo que Abdul coletara em sua pesquisa, centenas de crianças foram levadas para o Asilo, mas poucas haviam deixado os seus domínios. O hospital possuía uma fazenda, um necrotério e um cemitério próprios. Segundo os registros oficiais, 837 crianças morreram durante os anos de funcionamento do Asilo, mas a polícia desconfiava que esse número poderia ser dez vezes maior.

Terminei a leitura e joguei o toco de cigarro no rio, sentindo uma dor no estômago. Casos com crianças eram ruins e esse prometia ser pior do que a maioria. O relatório só trazia as conclusões da investigação oficial que fechara o Asilo há uma década. Palavras como negligência, maus-tratos e abandono riscavam as páginas com sangue.

A diretora, um tal Dra. White, desaparecera durante as investigações e nunca mais fora vista. Sapa velha esperta. Os poucos funcionários processados foram considerados culpados por negligência, mas acabaram absolvidos em um julgamento posterior. Segundo a corte, eles eram vítimas do sistema exploratório organizado pela diretora. Condições mínimas para maximizar os lucros.

A verdade, como sempre, deveria ser bem pior.

Nossa embarcação diminuiu a velocidade quando nos aproximamos do ponto de desembarque. O capitão soltou a buzina e a nossa pequena e infeliz trupe se reuniu na proa. Uma tábua de madeira coberta por limo foi empurrada até uma abertura na amurada e a barca foi amarrada à dois postes semi-submersos.

O pequeno píer exibia apenas uma meia dúzia de barcos de pesca e um ou dois iates de passeio, que balançavam ao sabor do vento. Casas de madeira aglomeravam-se junto à estrutura e o odor da maresia parecia estar impregnando em cada tábua apodrecida. Segui pelo caminho estreito até alcançar as calçadas de pedra. Se não olhasse para trás, poderia jurar que estava chegando em uma pequena cidade escondida nas montanhas de Utah. Ver a grande Nova Iorque do outro lado do rio era mais ou menos como assistir a uma matinê, com a diferença de que o diretor de fotografia era melhor e o roteirista fora resgatado de algum inferninho qualquer.

Pesquei da memória o endereço da delegacia: duas ruas para cima, dobrar a esquerda, dar um troco para o mendigo da esquina e seguir em frente até encontrar o único prédio público que não fora pichado. Passei por dois vagabundos e um policial uniformizado que fazia ponto, supostamente

cuidando do trânsito, mesmo que esse se limitasse a meia dúzia de utilitários, umas três ou quatro camionetes e dois táxis descascados cujos motoristas esperavam na frente da subprefeitura, bebendo café batizado com uísque e bocejando. O guarda me cumprimentou e respondi de volta, mesmo ele lançando um olhar comprido ao volume que trazia nas costas. Afinal, não era comum que padres andassem por aí com mochilas compridas à tiracolo, mas quem, na Santa Igreja, precisaria portar uma katana de aço celestial e duas pistolas FN-1910, de fabricação belga, com balas de prata? E pelo que Abdul me dissera, talvez eu precisasse de todo o meu arsenal antes de dar o caso por encerrado.

O prédio da delegacia tinha a solidez de um velho boxeador que ainda poderia aguentar alguns rounds, apesar das cicatrizes. As paredes de tijolos desgastados tinham uma cor indefinida entre o cinza e o marrom, manchadas pela fumaça dos lixões e as tempestades salgadas. Havia um letreiro desbotado que indicava que aquele era o meu destino.

O ambiente interno era ainda menos acolhedor. Sufocante, como boa parte dos prédios públicos, parecia rescindir o cheiro de tabaco velho, que impregnava o ar elétrico pelo clima irrequieto do outono. As escrivaninhas de madeira pareciam ter sido talhadas com madeira de antigos navios, lascadas e cobertas de pilhas de papeis, copos descartáveis e cinzeiros transbordando. Tudo ali parecia imbuído de uma desesperança densa como as brumas do porto, como se a delegacia estivesse esperando por um crime que fizesse sentido.

A batina denotava alguma autoridade e fui recebido rapidamente por um jovem policial uniformizado que ainda trazia espinhas no rosto. Ao nome que lhe dei, ele apontou para uma escada de degraus de linóleo, que subi rapidamente, desviando de um policial que escoltava duas garotas com roupas mínimas para aquelas temperaturas. Uma delas explodiu uma bola de chiclete na minha cara, mas me limitei a sorrir.

Deixei a engraçadinha para trás e bati na porta que o garotão me indicara. Ao ouvir um *Entre* abafado, alcancei o escritório.

Uma lâmpada pendia do teto, lançando uma luz forte sobre a escrivaninha de manchas escuras, escoltadas por um par de grandes arquivos de aço. A fumaça cinzenta de um toco de charuto escondia as faces de um homem negro, de cabelos ralos, olhos cor de caramelo e uma expressão de interesse. Ele parecia estar naquela idade impiedosa, onde era jovem demais para se aposentar, mas velho demais para trocar aquele emprego infernal por qualquer outra coisa. Abdul me dissera que o sujeito era confiável. Mas em quem você realmente poderia confiar naquele tipo de trabalho?

— Oficial Tiberius Hall? — perguntei. — Eu vim em nome da Irmandade.

Hall me encarou por um segundo.

— Eu achei que você fosse mais velho.

— Bem, estou trabalhando nisso — respondi.

Ele se levantou e olhou para os lados, por mais que estivéssemos sozinhos na sala. O gesto era óbvio. Nenhum policial que quisesse manter o emprego poderia se dar ao luxo de ser pego conversando sobre o sobrenatural com quem quer que fosse.

— Gosta de café irlandês, Padre? — ele perguntou, colocando um grosso casaco sobre a camisa branca antes de ajeitar a gravata de aba larga.

— Desde que seja forte e puro, aceito qualquer coisa, oficial.

Ele deixou transparecer um sorriso incerto.

— Pode me chamar de Hall, Padre — disse, abrindo a última gaveta de um dos arquivos e retirando de lá uma pasta de capa cinza.

Pouco depois, deixamos a delegacia.

